

Mito e palavra¹

Adalberto A. Goulart²

*E, aquele que não morou nunca em seus próprios abismos
nem andou em promiscuidade com os seus fantasmas,
não foi marcado.
Não será exposto às fraquezas,
ao desalento,
ao amor,
ao poema.*

Manoel de Barros, 2010.

Resumo: A pesquisa psicanalítica nos mostra que os traços deixados pela evolução/revolução persistem em cada um de nós, ativos e presentes, e podem emergir sob determinadas condições, estando na base das construções mitológicas, dos rituais e de nosso imaginário onírico. Perdida a animalidade, o ser humano pode então imaginar, colocando fora de si um Deus onipotente, idealizado para ocupar o lugar da instintualidade etológica. O estranho, assustador, capaz de provocar medo e horror parece estar relacionado a uma criação da mente primitiva, quando seu aspecto seria amistoso, protetor, convertendo-se, posteriormente, com o desenvolvimento e o recalque, em objeto de terror, como se os deuses se transformassem em demônios.

Palavras-chave: psicanálise; pesquisa; desenvolvimento; construções mitológicas.

Em 2001, no belo artigo intitulado “Indivíduo – universo dos mitos”, Ferrari nos lembra a função da psicanálise de identificar impulsos inconscientes que estão na base das manifestações humanas, resgatando uma aparente falta de significado. Da mesma maneira estão os mitos, rituais e costumes presentes nas sociedades primitivas, mas também nas organizações mais complexas, quando se perdem a origem e seu significado original.

O fato de tais manifestações serem difundidas em culturas separadas, tanto temporalmente, quanto geograficamente, nos faz pensar que se refiram a um

¹ Trabalho apresentado na mesa redonda “Mito e palavra”, Roma, maio de 2014 e no XXX Congresso Latino-americano de Psicanálise, Buenos Aires, setembro de 2014.

² Membro efetivo e analista didata da SPRPE e do NPA.

patrimônio de toda a humanidade, inacessível e desconhecido em sua profundidade. E que talvez seja um traço presente da revolução original que marcou o início da distinção entre humanidade e animalidade. Distinção esta que se estima ter ocorrido há aproximadamente 10 milhões de anos (período quaternário da era cenozóica), um momento em que extremas mudanças ambientais ocorreram, associadas a um processo de evolução por seleção natural, que culminou nas adaptações homínidas conhecidas pelo termo hominização.

Assim, alterações ambientais e hominização teriam interagido, originando as formas mais complexas de comportamento, destacando-se aqui o processo de alteração do impulso etológico, sobretudo acrescentando-se o movimento pulsional e suas representações psíquicas, que, diferentemente do instinto etológico, variam de indivíduo para indivíduo.

A pesquisa psicanalítica nos mostra que esses traços deixados pela evolução/revolução persistem em cada um de nós, ativos e presentes e podem emergir sob determinadas condições, estando na base das construções mitológicas, dos rituais e de nosso imaginário onírico. Cita Müller (1863), quando afirma que o mundo mítico é simplesmente o mundo da aparência gerada pela autoilusão originária necessária ao nosso ser, sendo em si uma deficiência de nossa estrutura, quando pensamento e palavra não coincidem, *“visto que confrontada com o objeto representável, a imagem nada mais é que adaptação e alteração subjetiva”*, uma vez que a ideia e a palavra deverão exprimir um acontecimento objetivo e subjetivo ao mesmo tempo.

Assim sendo, a linguagem poderá atingir uma dimensão fantasmagórica, assim como a própria narrativa e as expressões artísticas, não sendo, portanto, a simples sublimação da realidade ou manifestação da fantasia, mas sendo, para o sujeito, a totalidade da realidade, quando o olhar subjetivo transforma o mundo observado.

Ferrari conclui que, perdida a animalidade, o ser humano pode então imaginar, colocando fora de si um deus onipotente (expressão de desejos), idealizado para ocupar o lugar da instintualidade etológica.

Dando um salto na história evolutiva, encontramos estudos sugerindo que crenças e rituais ligados à morte surgiram a partir do momento em que a espécie humana passou a enterrar seus mortos (há cerca de 100.000 anos, segundo professor de Pré-História Klaus Hilbert da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul) e surgiram como aliados para o alívio da angústia, suavizando o corte, a cesura, a interrupção, com uma fantasia onipotente de continuidade.

São inúmeras as lendas e os mitos criados para preencher o vazio do mistério da morte enquanto desaparecimento. Mais próxima de nós e mantendo uma cultura ancestral, o que nos permite um acesso ao funcionamento mental primitivo, encontramos as tribos Guaranis. Este povo tem uma atitude de grande medo associado aos mortos,

certo conformismo diante da morte e um grande desejo de chegar à Terra sem Males. Medo da morte e desejo de alcançá-la não se contradizem, porque, na realidade, o medo está vinculado a Anguêry, que é a alma que deixou o corpo, e não propriamente à morte. Anguêry é a alma animal que assombra os vivos, levando-os a más-condutas, e que permanece na terra por algum tempo após a morte.

Haveriam ainda a Nhe'nguê, alma boa que não incomoda os vivos e que vai para o Além após a morte, e a Avyu-kuê, que seria como uma sombra da pessoa morta e não faz mal a ninguém. Eles entendem que a doença seria a ausência temporária da Nhe'nguê, da alma boa, e a morte seria a saída definitiva dessa alma. O sonho, por sua vez, estaria associado à saída de Nhe'nguê para esse outro mundo, de onde poderia trazer mensagens de outros espíritos.

A morte em si é compreendida pelo povo Guarani como uma libertação, o atalho para se chegar à Terra sem Males, a desejada Yvy marã ei, que fica na direção do nascente, depois do oceano, onde não há medo, dor ou sofrimento. Por essa razão, o morto é enterrado com os pés voltados para o nascente, quando acendem uma fogueira para iluminar a caminhada (Prezia, 1987).

Em 1919, Freud nos fala de como o tema do “duplo” havia sido abordado de maneira completa por Otto Rank (1914), que investigou as ligações que têm com reflexos em espelhos, sombras, espíritos guardiões, com a crença na existência da alma e com o medo da morte, lançando luz sobre a evolução da ideia. Segundo esse estudo, em sua origem, o duplo seria uma proteção contra a destruição do ego, negando o poder da morte, sendo a alma imortal o primeiro duplo do corpo.

Tais fantasias estariam associadas ao narcisismo primário, presente na mente da criança e do homem primitivo. Superada esta etapa, o duplo inverteria seu aspecto, deixando de ser uma garantia contra a imortalidade e tornando-se um estranho anunciador da morte.

Estranho significa o que é esquisito, que se caracteriza pelo caráter extraordinário, excêntrico; o que é de fora, estrangeiro; que causa espanto ou admiração pela novidade, pelo desconhecido, pelo novo; o que foge aos padrões de uso, aos costumes estipulados pela sociedade; o que não se conhece ou reconhece, que desperta sensação incômoda de estranheza; que não faz parte, que não pode ser identificado ou relacionado; que se esquiva, que foge ao convívio; misterioso, enigmático ou que levanta suspeitas (Houaiss).

Também são inúmeros os mitos e lendas que tratam do fenômeno do duplo, que tentam explicar a origem do estranho, do mal, ou preencher o espaço do desconhecido em nós. Destaco, mais uma vez da mitologia Guarani, a lenda de Kerana e Tau.

Tau, o espírito personificado do mal, apaixonou-se por Kerana, a linda filha de Marangatu. Disposto a conquistar Kerana, ele transforma-se em um belo e atraente

jovem e corteja a moça durante sete dias sem sucesso. Já sem esperanças de conquistar o coração de sua amada, resolve sequestrá-la, mas, antes de realizar o feito, surgiu Angatupry, o espírito do bem, que o desafia para tentar salvar Kerana. A batalha teria durado outros sete dias, mas, em um descuido de Angatupry, Tau escapa e foge, levando a bela Kerana para longe da aldeia.

Enfurecido, Angatupry amaldiçoou a união dos dois e, como consequência, todos os sete filhos que viriam a nascer do casal seriam monstros horríveis.

Cumprida a profecia, os sete monstros legendários seriam:

Teju Jagua: com corpo de lagarto e cabeça de lobo. É o deus das cavernas e grutas, para onde leva as presas que captura, devorando-as.

Mboi Tu'i: com cabeça de papagaio e corpo de serpente. Rasteja pela terra e também pode voar, escondendo-se em rochas altas enquanto caça. É o espírito protetor das criaturas marinhas, da névoa, do deserto e das plantas. Não ataca pessoas, alimenta-se de frutas e neblina.

Moñai: espírito protetor da terra e do vento. Tem uma aparência semelhante à de Mboi, com o corpo e cabeça de serpente. Possui duas enormes presas, com dentes finos e afiados como agulhas. Vive no fundo de rios e em desertos. Apesar da aparência ameaçadora, não ataca pessoas nem animais, protege todos os tipos de seres vivos.

Jaci Jaterê: é o único entre seus irmãos que não possui aparência monstruosa. É um homem de pequena estatura ou uma criança, louro e com olhos azuis. Com aparência bela e encantadora, carrega um cajado mágico que encanta as crianças e as transforma em feras ou são entregues ao seu irmão Ao Ao, que se alimenta delas.

Kurupi: homenzinho que habita as florestas e em noites de lua cheia atormenta a vida dos índios e animais. Alimenta-se de crianças e filhotes recém-nascidos e é reconhecido por seus gritos e gargalhadas malévolas. Estupra índios que se perdem na floresta e índias virgens. Se o estupro ocorrer em noites de lua nova, dará origem a um ser híbrido, pequenino e levado. Carrega uma corda amarrada à cintura, usada para capturar suas presas.

Ao Ao: monstro semelhante a um carneiro, com garras afiadas que usa para atacar as pessoas que caminham na floresta. De grande virilidade, é considerado o deus da fertilidade pelos guaranis. Com muitos filhos iguais a ele, são protetores das colinas e montanhas. Alimenta-se de gente.

Luison: tem poder sobre a morte. Semelhante a um macaco de olhos vermelhos, com barbatanas de peixe e um enorme falo. Nas noites de terça e sexta-feira se transforma em um lobo de enorme cabeça e se alimenta da carne dos cadáveres. Ataca as pessoas e é o mais temido, aparecendo também em noites de tempestade.

Agora, voltando à Freud, ele nos argumenta que o desaparecimento do duplo não seria uma consequência natural ao superar-se o narcisismo primário, podendo resistir a partir do desenvolvimento da instância crítica, censora e da consciência, capaz de auto-observação. Ademais, como sabemos, aspectos do narcisismo primário podem permanecer ativos e presentes de acordo com o processo primário de funcionamento mental, submetido ao princípio do prazer.

Ainda devem ser consideradas e referidas ao fenômeno do duplo as fantasias sobre o futuro, as iniciativas do ego contidas pela realidade externa e os desejos suprimidos, que compõem a ilusão do livre arbítrio.

O estranho, assustador, capaz de provocar medo e horror, parece estar relacionado a uma criação da mente primitiva, quando seu aspecto seria amistoso, protetor, convertendo-se, posteriormente, com o desenvolvimento e o recalque, em objeto de terror, como se os deuses se transformassem em demônios.

Como é sabido também, o Processo Secundário, com a consideração da realidade e o desenvolvimento do aparelho para pensar, não exclui o funcionamento anímico primitivo, regido pelo Princípio do Prazer do Processo Primário. Ambos continuam presentes, ativos, atuantes e necessários durante toda a vida, podendo, em determinadas circunstâncias, predominar um ou outro, correspondendo às posições depressiva e esquizoparanoide descritas por Melanie Klein (Notas sobre alguns mecanismos esquizoides).

Em outras palavras, seria legítimo afirmar que habita, em cada um de nós, um selvagem primitivo, com sua concepção animista do universo e da vida, cujos resíduos e traços da sua existência podem se manifestar, como nos sonhos, nos sintomas neuróticos e psicóticos, com a crença na onisciência e onipotência do pensamento e a magia a ela associada, com a atribuição de poderes mágicos a pessoas e coisas externas, quando o mundo era povoado por espíritos dos seres humanos e as exigências da realidade não eram consideradas.

Freud já sustentava que a sensação de estranhamento causada pela psicanálise em muitas pessoas teria origem semelhante, afinal é função da nossa ciência revelar o oculto presente em cada um de nós. E, neste sentido, a nossa época difere pouco daqueles tempos. Há, de fato, ainda hoje, certa curiosidade a envolver o trabalho do psicanalista e o próprio profissional de psicanálise, como se o seu olhar e a sua presença pudessem libertar espíritos malignos que então emergiriam das profundezas sem nenhum controle.

Na tentativa de ilustrar o que escrevo, recorro a uma paciente que atendi já há muito tempo. Após ser orientada por seu psiquiatra a me procurar, levou mais de dois anos até telefonar para o meu consultório. O que teria ocorrido com essa jovem senhora, de cerca de cinquenta anos, durante esse período?

Com a voz trêmula, agenda uma entrevista, à qual comparece pontualmente. Trajada elegantemente, mantém a face bastante tensa, assustada e, entre momentos de choro e ansiedade, me diz não saber o que dizer. Após alguns minutos conta-me que vivia em outro país, em um grande centro urbano, e que, lá, havia sofrido um assalto, ficando em poder de bandidos durante todo um dia, transitando com seu carro, efetuando saques em caixas eletrônicos e fazendo compras com seus cartões de crédito.

Ameaçada com revólveres, terminou sendo libertada em um matagal, em outra localidade. Descreve momentos de muito medo e, ao mesmo tempo, comenta que um dos assaltantes havia gostado dela, o que pode ter salvado sua vida. Passou a sofrer com crises de angústia e sintomas depressivos e foi convencida pela família a retornar ao seu país, onde residem. Relata que os assaltantes sabiam tudo sobre a vida dela e que, com medo e pena, ela preferiu não identificá-los à polícia.

Medicada com ansiolíticos e antidepressivos, foi orientada a me procurar, na tentativa de iniciar uma análise. Criando coragem, segundo me diz, passou cerca de dois anos procurando referências sobre mim e sobre o meu trabalho, até decidir me telefonar.

Sempre ocupando uma das poltronas e nunca o divã, iniciamos sua análise. Além de detalhes sobre o assalto, fala-me de desilusões amorosas (é solteira e sem filhos), de seu trabalho, de seu dia a dia. Bastante solitária, refere-se a amigos do passado ou do país em que residia, não tem amigos atualmente, relaciona-se afetivamente apenas com familiares e empregados.

Em um determinado período, fala-me sobre pessoas muito próximas, falecidas e sobre o suicídio de uma pessoa com quem mantinha um relacionamento muito próximo, “uma sintonia de almas”, como dizia, ocorrido há muitos anos. Relata todo o drama que circundou a situação.

Costumava atribuir a mim sentimentos seus, que não reconhecia nela mesma, tais como desconfiança, insegurança, medo ou algo que achava que eu iria interpretar caso ela dissesse uma determinada coisa, em geral atribuindo a mim pensamentos depreciativos sobre ela mesma, afirmando que acreditava muito no poder da sua intuição.

Algumas vezes se assombrava com vultos, que interpretava como sendo monstros ou espíritos, almas de outro mundo e que poderiam estar querendo trazer-lhe mensagens do Além.

Às vezes, me telefonava para falar de solidão e angústia ou fazia algum questionamento sobre a análise, muitas vezes propondo a redução no número de sessões. Em um momento particularmente delicado em que falava da morte de entes queridos e do suicídio da pessoa próxima, telefona-me, perguntando se eu conhecia “chumbinho” e disse-me que iria me levar de presente na próxima sessão.

Popularmente conhecido como chumbinho por seu aspecto, o veneno raticida aldicarb está bastante associado em nossa região a suicídios e a tentativas de suicídio. É um inibidor irreversível da enzima acetilcolinesterase e provoca uma grave síndrome colinérgica, com náuseas, vômito, sudorese, sialorreia, borramento visual, contração da pupila, hipersecreção brônquica, dor abdominal, diarreia, tremores, contrações musculares, convulsões, alteração de estado mental, parada respiratória e morte.

Durante alguns minutos me peguei preocupado e ao mesmo tempo curioso com o enigma proposto pela jovem senhora. Procurei me livrar de expectativas e aguardar pela próxima sessão. Na sessão seguinte, a paciente chega com o presente: ovinhos de chocolate (era ocasião da Páscoa) de nome Chumbinho, recheado por pequenas bolinhas de chocolate, semelhantes ao raticida chumbinho... Entregou-me e, com um meio-sorriso, murmurou: “doce veneno...”

Óbvia e, desta vez, concretamente, a senhora elegante tentava colocar dentro de mim seus medos e suas fantasias suicidas, como forma de aliviar sua angústia de morte, tão presente, os sentimentos de culpa que a atormentavam e os espíritos que teimavam em retornar. Pouco tempo depois, através de um e-mail, interrompe o processo analítico, dizendo que retornaria em outra oportunidade, esperando que pudesse recebê-la. E que, caso não a aceitasse, compreenderia.

Embora a evolução da civilização, das ciências e do próprio pensamento humano seja uma realidade inequívoca, de fato, o estranho permanece em cada um de nós como uma herança oculta, porém viva e presente, da onipotência do pensamento a realizar desejos, de poderes secretos e mágicos e do retorno dos mortos, associado ao antigo (e sempre atual) narcisismo e às experiências da mente primitiva, podendo voltar à luz através de impressões liberadas através de fendas dos nossos mecanismos de defesa ou de situações francamente patológicas.

Ainda circunstâncias que envolvem o silêncio, a solidão e a escuridão, levando à perda parcial dos referenciais externos e concretos e associados à ansiedade infantil, tendem a iluminar o oculto que existe no fundo da alma de cada ser humano, causando assombramento, susto, medo, pavor. Até que se reconheça que os espíritos despertados não são anunciadores da morte, mas de fato os protetores da vida.

Myth and word

Abstract: The psychoanalytic research shows that the traces left by the evolution/revolution persist in each of us, active and present, and could emerge under certain conditions standing at the basis of mythological constructions, rituals and our imaginary dream. Once lost animality, the human being can then imagine, putting out of his mind an omnipotent God, designed to take place of the ethological instinctuality. The strange, scary, capable of causing fear and horror seems to be related to a creation of the primitive mind, when its appearance would be friendly, protective, becoming later, with the development and the repression, in an object of terror, as if the gods were turned into demons.

Keywords: psychoanalysis; research; development; mythological constructions.

El mito y la palabra

Resumen: La investigación psicoanalítica muestra que las huellas dejadas por la evolución/revolución persisten en cada uno de nosotros, activas y presentes, y podrían surgir en determinadas condiciones, estando en la base de las construcciones mitológicas, de los rituales y del nuestro sueño imaginario. Una vez perdida la animalidad, el ser humano puede entonces imaginarse poniendo para fuera de sí mismo un Dios omnipotente, diseñado para tomar el lugar de la instintividad etológica. El extraño, capaz de causar miedo y horror, parece estar relacionado con una creación de la mente primitiva, cuando su apariencia sería amable, protectora, convirtiéndose más tarde, con el desarrollo y la represión, en un objeto de terror, como si los dioses se transformasen en demonios.

Palabras clave: psicoanálisis; investigación; evolución; construcciones mitológicas.

Referências

- Barros, M. (2010). *Poesia completa*. São Paulo: Ed. Leya.
- Elias, R. (2012). Portal Guarani (2012). Recuperado de <portalguarani.com/obras_autores_detalles.php?id_obras=8883>.
- Ferrari, A. (2001). Indivíduo – universo dos mitos. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 35(2).
- Freud, S. (1976). O Estranho. In: S. Freud *Obras Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 17). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1919).
- Goulart, A. (2008). Com a alma desabitada. In: *Revista Brasileira de Psicanálise*. 42(3), pp. 103-114.
- Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2013). Recuperado de <www.houaiss.uol.com.br>.
- Klein, M. (1991). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In: M. Klein *Obras completas*.(Vol. 3). Buenos Aires: Paidós.(Trabalho originariamente publicado em 1946).
- Cassorla, R. (2004). Para a morte ser vista com naturalidade. *Jornal da Unicamp*. Entrevista concedida a Cleytib Levy. Universidade Estadual de Campinas – 1º a 15 de novembro de 2004. Recuperado de <http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/jornalPDF/ju272pag11.pdf>.
- Müller, M. (1863). Lectures on the Science of language delivered at the Toyal Intituition of Great Britain in February, March, April and May, 1863. In: Ferrari, A. (2001). Indivíduo – universo dos mitos. *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. 35, nº. 2.
- Prezia, B. (1987). História recolhida por Curt Nimuendaju entre os Avá-Guarani do oeste de São Paulo. In: *Lendas da criação e destruição do mundo*. São Paulo: Hucitec/Edusp, pp. 155-156. Recuperado de <pime.org.br/mundoemissao/indigenasmorte.htm>.
- Rank, O. (2013). *O duplo*. Porto Alegre: Ed. Dublinense. (Trabalho originalmente publicado em 1914).
- Wikipédia Enciclopédia Livre (2013). Recuperado de <www.pt.wikipedia.org/wiki/medo>.
- Toni, P., Salvo, C., Marins, M., Weber, L. (2004). Etologia humana: o exemplo do apego. In: *Psico-USF*, vol.9, no.1 Itatiba Jan./June 2004. Recuperado de <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141382712004000100012&script=sci_arttext#ast1>.

Adalberto A. Goulart
Av. Anísio Azevedo, 675/304,
Bairro Salgado Filho,
Aracaju - Sergipe.
49020-235
adalbertogoulart@uol.com.br